

Gramsci contra bukharin:

crítica à leitura sociológica do marxismo
Estevam Alves Moreira Neto

Como citar: MOREIRA NETO, E. A. Gramsci contra bukharin: crítica à leitura sociológica do marxismo. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 139-142.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p139-142>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Gramsci contra Bukharin: crítica à leitura sociológica do marxismo

Estevam Alves Moreira Neto¹

Ao analisarmos as minuciosas, extensas e críticas notas que ocupam de forma notável uma grande parte do Caderno 11 de Antonio Gramsci, redigidas entre 1932-1933, do livro de Bukharin, *A teoria do materialismo histórico. Manual popular de sociologia*, publicados originalmente em 1921, podemos reconhecer o esforço intelectual do autor italiano em demonstrar o marxismo como concepção de mundo e não como mais um método aplicado pelas ciências particulares.

Contudo antes de entramos na exposição da crítica gramsciana propriamente dita, situaremos brevemente os pressupostos culturais e políticos que permitem-no a síntese radical entre teoria e movimento operário.

Antonio Gramsci é um dos poucos líderes do movimento operário do início do século passado, ao lado de Vladimir I. Lênin (na Rússia) e Rosa Luxemburgo (na Alemanha), que personifica a unidade entre intelectual e político. Tal fusão foi realizada em condições únicas: o contexto revolucionário ítalo-europeu, a relação orgânica com os conselhos operários e a apreensão da lógica imanente a processualidade dos conflitos vigentes, tanto no âmbito particular quanto no universal.

É consenso que tal integração, entre o momento teórico e o prático, não ocorreu com sem maiores problemas. No nosso entendimento, ocorre em Gramsci um hiperdimensionamento dos elementos humanistas da cultura, como também uma atribuição de ontopositividade na esfera política como momento constituidor do ser social. Tais questões estariam diretamente articulados com a aceitação, sem um diálogo crítico radical, com as obras "econômicas" de Karl Marx e Lênin, como também da não apreensão em sua plenitude da perspectiva ontológica marxiana. Fatores compreensíveis para alguém que tinha como laboratório de pesquisa o cárcere.

As notas críticas sobre Bukharin, compostas no período de maturidade durante cárcere, não expõem somente um conteúdo filosófico, incluem também um complexo arcabouço analítico dos problemas políticos referentes constituição dos determinantes objetivos e subjetivos em desenvolvimento de uma nova e radical concepção de mundo e de como devem ser aplicados a processos educativos e de propaganda.

Grande parte da crítica gramsciana sobre o livro de Bukharin remete-se a pretensa compatibilidade entre a sociologia, que comete um dos erros fundamentais em haver adotado em bloco e acriticamente uma metodologia tomada diretamente das ciências naturais, e o marxismo, um arcabouço teórico-metodológico que expressa uma nova e radical concepção de mundo a

¹ Universidade Estadual Paulista - campus Marília. estevam@gmail.com.

atas de arte política, seriam exemplos de sua utilidade). Seus métodos, derivados das ciências naturais, são considerados falíveis – e não só quando aplicados às ciências sociais, mas também aos fenômenos naturais. Além disto, é firmemente posta numa posição subordinada em relação à história, que ela pode complementar, mas nunca suplantar.

Como podemos perceber, Gramsci utiliza-se do livro de Bukharin como mediador para fazer a crítica à “ideologia” que reduz as idéias a sensações e pulsões, como também, a crítica ao monismo que atrofia o homem como sujeito histórico-social.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson Coutinho. “Gramsci, o marxismo e as ciências sociais”. In: *Marxismo e política: dualidade de poderes e outros textos*. São Paulo: Cortez, 1992.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Vol. 1. 4. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

do pensador sardo com historicidade do mundo dos homens, presente em todos os *Cadernos*. Enfoca a plena compreensão da afirmação segundo a qual na expressão "materialismo histórico" se deveria pôr o acento no segundo termo, histórico, e não no primeiro, de origem metafísica.

Com efeito, as notas afirmam com vigor que a redutiva "versão sociológica do materialismo histórico" deriva da incompreensão – "cristalização da tendência deteriorada" - da importância e da complexidade da história; uma incompreensão que é responsável pela alienação e fetichismo que terminam por deformar o marxismo, produzida tanto pelos seus adeptos ortodoxos, quanto pelos não-ortodoxos.

Em outras palavras, os "sociólogos" tratam a história através de um conjunto de princípios metodológicos, colocando cada elemento numa totalidade predeterminada. Como confundem sua "fórmula mecanicista" com a própria história, não existe acontecimento histórico que eles considerem em sua especificidade. Cada elemento trazido à luz pela pesquisa histórica serve unicamente para preencher os pequenos vazios e confirmar a precisão do quadro geral. Isto é, o que ocorre quando a filosofia e as ciências sociais são orientadas pelo mesmo tipo de "naturalismo": manipulação do conhecimento a favor dos interesses ídeo-políticos da classe hegemônica. Por isso que é de fundamental importância, de acordo com o autor italiano, a elaboração de uma perspectiva radicalmente antagônica à da linha hegemônica, ou seja, que se desenvolva um arcabouço teórico-metodológico que permita apreender o conteúdo primordial da realidade objetiva – principalmente quando se vive em um momento histórico-social de crise.

Assim, os trechos seguintes das notas iniciam a apresentação de uma concepção alternativa do "materialismo histórico". Segundo tal concepção, a filosofia da práxis não é sociologia, mas história. A metodologia a ela apropriada deve ser derivada não das ciências naturais, mas do âmbito da crítica e da interpretação, pois ela é a própria história em sua infinita variedade e multiplicidade.

Segundo Bukharin, a história é uma atividade, um campo de pesquisas regido por leis sociológicas: de um ponto de vista metodológico, ela é apenas uma "serva" da sociologia. Ao contrário, nas notas de Gramsci a relação entre história e sociologia é quase inteiramente interrompida: a sociologia utiliza leis gerais abstratas que são separadas da experiência vivida da história; além disto, é tarefa do "materialismo histórico" infringir aquelas mesmas leis, superá-las, assegurar que os seres humanos tenham a possibilidade de forjar sua própria história. Em seguida, a mesma nota prossegue afirmando que o partido político ("o organismo coletivo") não chega ao conhecimento do "sentimento popular" por meio de leis estatísticas geradas pela sociologia; antes, chega a tal conhecimento através da "co-participação ativa e consciente", da "co-passionalidade", da experiência.

Isto não significa que a sociologia seja inútil: só que suas asserções devem ser controladas, seu poder totalizante deslegitimado, seus usos cuidadosamente circunscritos e seus resultados "científicos" sempre submetidos a uma crítica histórica, e não vice-versa. A utilidade da sociologia não é plenamente rejeitada, pois ela pode ser vista sob uma luz positiva, mas só se considerada como instrumento para a construção de hipóteses e não para a formulação de verdades universais (investigações das leis de uniformidade, tratados de observações imedi

atas de arte política, seriam exemplos de sua utilidade). Seus métodos, derivados das ciências naturais, são considerados falíveis – e não só quando aplicados às ciências sociais, mas também aos fenômenos naturais. Além disto, é firmemente posta numa posição subordinada em relação à história, que ela pode complementar, mas nunca suplantar.

Como podemos perceber, Gramsci utiliza-se do livro de Bukharin como mediador para fazer a crítica à "ideologia" que reduz as idéias a sensações e pulsões, como também, a crítica ao monismo que atrofia o homem como sujeito histórico-social.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Carlos Nelson Coutinho. "*Gramsci, o marxismo e as ciências sociais*". In: *Marxismo e política: dualidade de poderes e outros textos*. São Paulo: Cortez, 1992.

DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere: introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce*. Vol. 1. 4. ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.